ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1923 N.º 698

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO; 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

NUM corredor do *Savoy Hotel*, de Londres, apareceu agonisante o principe Ali Kahmel Fahmy, egipcio, vinte e três anos, riquissimo e perdulario.

Não teve tempo de revelar o nome do seu agressor, porque prestes expirou.

Todas as suspeitas recaíram logo sobre a sua esposa, a princesa Marie Marguerite Fahmy.

O «coroner» de Westminster iniciou já as suas investigações, parecendo que não devem ser longas. A historia do caso resume-se em poucas palavras.

Os dois esposos não se entendiam, apesar de casados ha quatro meses. O principe Ali doido de ciumes, não encontrava socego. Todos os homens lhe inspiravam receios.

Espiava a mulher dia e noite.

Os conflitos, estalavam pelo mais pequeno motivo, chegando ás vias de facto. Frequentes vezes empunhavam os seus revolveres, com ameaças de morte.

A intervenção de pessoas amigas, altas horas da noite, apasiguava-os. Entregavam-se então a horas de ternura e paixão que, momentaneamente, encobriam o odio que lhes fermentava nos corações.

Ha dias a princesa declarou que queria regressar a Paris para tratar-se com um especialista de nome. O ciume surgiu torvo e sinistro.

—«Não irás!... Em Londres não faltam os bons medicos».

A discussão azedou-se, inflamou-se, fez-se raivosa. No restaurant, no teatro, nem sequer se encaravam. O irremediavel estava já entre eles. Não houve palavras que os suavisassem.

Apenas entraram nos seus aposentos do *Savoy Hotel*, cresceram um para o outro. Insultaram-se, bateram-se, cuspiram-se torpesas sem qualquer rebuço,

O principe teria dito:

—«Vou matar-te!»

Perante o gesto nefando, a antiga mundana Maggie Meller, elevada pela sua infinita sedução á categoria de princesa... egipcia, disparou o seu revolver com pontaria certeira, Um corpo rolou no chão, arrastando-se com um sopro de vida até o corredor, onde foi encontrado,

Como vai defender se a esposa assassina? Invocando por certo a legitima defeza: matou para não ser morta.

Se conseguir escapar-se das garras da justiça, Maggie Meller talvez diga consigo:

—«Os mahometanos como meu marido não sabem amar as mulheres do meu feitio. Querem-nos tanto que nos roubam a liberdade. Se nós reagimos, matamos ou somos mortas.»

* * *

O Teatro Central de Instrução, em Moscow, vai representar *Macbeth* e *Le Bourgeois Gentilhomme*, acompanhando a tragedia duma conferencia sobre o regimen feudal e a comedia duma outra ácêrca da decomposição da aristocracia francesa.

Esta maneira de esclarecer o publico deve fazer de Shakespeare e Molière precursores de Lenine.

* * *

NA estação do Rocio, não se vendem entradas na *gare*, senão a certas horas e para comboios de luxo.

Concordemos que se achou assim uma forma engenhosa de alargar a venda de bilhetes para Campolide.

Dormir, sonhar...

Muita gente ainda crê que nós atravessamos uma crise que a pouco e pouco se irá resolvendo, reconquistando os povos a tranquilidade e o bem estar que perderam, quando em 1914 rebentou a guerra.

Semelhante ilusão que se mantem, como se os iludidos vivessem na ignorancia total do mundo moderno, seria inteiramente inofensiva, se porventura não fosse partilhada por varios individuos que intervêm na direcção dos negocios publicos.

Estes esqueceram-se de renovar as suas ideias e de reconhecer a insuficiencia do seu espirito para compreender uma realidade que se apresenta intrincada e tumultuosa como um mar embravecido.

Qual a sua unica preocupação?

Aplicar a problemas novos soluções antiquadas.

Claro está, os seus esforços revelam-se inuteis, quando não contraproducentes.

Os acontecimentos são maiores do que eles e a logica a que os querem submeter para lhes dar uma explicação, estala como um fio que não pode resistir á dilatação do corpo que aperta.

Em vez de reconhecerem que o mal provem da incompetencia de uma dada maneira de pensar — de uma inferioridade mental — tratam de culpar ao acaso todos os que os criticam com justiça ou censuram com severidade.

Atente-se na sua maneira de promover o barateamento das subsistencias...

Como procedem eles em relação a um fenomeno cujas variadissimas causas seria indispensavel conhecer, para as atacar?

Seguem o exemplo daquele prestimoso cidadão que, depois de consumir todo o seu patrimonio, em negocios aventurosos, entendeu que o melhor modo de melhorar a sua existencia seria contar a sua triste historia aos seus amigos e parentes, afim de os comover e confiar-lhes o encargo de o sustentarem.

Os governos deixaram que a nossa situação se complicasse e escurecesse, sem tomarem as medidas que a prudencia politica aconselhava.

O que, na hora propria, acharia remedio pronto, chegou aos nossos dias transformado em rio caudaloso.

Quem se atreverá a fazer regressar a temerosa corrente á normalidade do seu leito?

Muitos erguem os braços, a oferecer-se para obra de tamanho vulto.

Infelizmente a sua seiencia e a sua experiencia não inspiram confiança.

Quando os energumenos abundam, gritando entre as multidões que só eles conhecem o segredo da salvação comum, raros são os que se deixam convencer.

Os paises que não desejam ser vitimas de logros e explorações ambiciosas devem cuidar, sobretudo, de velar pelo seu proprio destino.

O CASAMENTO

ELA — Quem nos vir a correr ha de imaginar que não somos casados.
ELE — Por emquanto, não faz mal.

LÊMOS nos jornais protestos indignados contra o que se está passando no Refugio e Casas de Trabalho, instituição constituida expressamente para educar os menores transviados. A acreditar nesses protestos, que dia a dia vão tomando maior consistencia, naquela instituição de caridade desenrolam-se scenas degradantes que os seus autores, fiados na impunidade, repetem constantemente, sem qualquer especie de receio ou de pudor.

Factos de tamanha gravidade não podem passar despercebidos a quem superintende nos serviços de assistencia. Forçoso é punilos, o mais rigorosamente possivel, sem olhar a protecções politicas, nem a transigencias inadmissiveis que cairão com todo o seu peso sobre aqueles que tiveram a fraqueza de as praticar.

* * *

UMA ilustre senhora, cujo nome não vem para o caso, ao ser-lhe entregue um telegrama em sua casa, ouviu do boletineiro a seguinte descompostura:

—«Fique sabendo que para outra vez não me masso a procurá-la, se o endereço não fôr bem explicito. A senhora vive num segundo andar e o telegrama indica simplesmente a sua morada. Julga que eu sou seu criado?»

Como ela quizesse explicar-lhe que a culpa não era sua, o *cavalheiro* virou-lhe as costas, descendo a escada com estrondo e praguejando contra quem não lhe fizera mal algum.

* * *

O *SECULO* publica uma correspondencia de Santa Cruz da Trapa em que se lê o seguinte:

—«Os milharais estão pujantes e os vinhedos explendidos. As adegas estão cheias e não há procura de vinho, principal riquesa desta região, motivo por que se receia uma crise para a lavoura».

Havendo vinho nos toneis e pão nos celeiros, os lavradores hão de descobrir meio de não morrer de fartura.

O importante é que eles se decidam a ser generosos com os pobres.

* * *

ESTIVERAM hoje no *Diario de Lisboa*, a apresentar cumprimentos de despedida, o sr. Belfort Ramos, que acaba de ser nomeado ministro plenipotenciario do Brasil na Columbia, e o sr. Borges da Fonseca, consul geral do Brasil em Lisboa, que parte para a republica irmã em goso de licença.

Aos ilustres diplomatas significamos, com os nossos desejos de excelente viagem, o nosso agradecimento pela gentileza.

* * *

O MAESTRO Artur Trindade realisa depois de ámanhã no Conservatorio Nacional de Musica um brilhante concerto para apresentação dos seus discipulos.

A audição principia ás 21 horas.

* * *

MUITOS dos nossos leitores da provincia queixam-se-nos da irregularidade com que recebem o *Diario de Lisboa*. Não sabemos se a culpa é do correio ou do caminho de ferro, mas, em qualquer dos casos, pedimos providencias.

* * *

CONSTA que vão reunir todas as pessoas que ha dias assistiram ao banquete em homenagem ao ilustre consul do Brasil, sr. dr. Borges da Fonseca, para resolver um pequeno incidente que atingiu os mais categorisados membros da colonia brasileira.

Tauromaquia

A corrida de ontem

Em beneficio do bandarilheiro Jorge Cadete, realizou-se ontem a 15.ª tourada da epoca, resultando muito razoavel. O gado foi fornecido pelo sr. Correia de Castro, de Cabrela:

Passamos a descrever a corrida:

1.º touro. — Penacho, negro, listão, bragado coube a José Casimiro. Jorge Cadete atravessa a arena com o braço ao peito levando o ferro ao cavaleiro, ouvindo uma grande manifestação da parte do publico que Jorge agradece. Inicia José a gaiola cravando o ferro á garupa tendo mais dois compridos saindo á tira consumando a sorte á garupa.

Dois curtos um deles numa sorte que não sabemos classificar, terminando com um curto cambiando terrenos colocado á garupa.

Recolhem o touro os campinos a cavalo D. Alexandre de Mascarenhas e Ricardo Teixeira.

2.º — Veludo, negro, listão e gravito. Tomaz da Rocha dá alternativa a Fernando Henriques. O novel bandarilheiro executa a sorte de gaiola consentindo demasiadamente o touro resultando o par desigual. Tem uma saida em falso, crava á meia volta um par bem colocado, fecha a lide com um par de frente. Devemos dizer-lhe o seguinte; quer lanceando de capote, quer bandarilhando, tem estilo; no entanto, não o podemos apreciar devidamente por tratar-se dum dia em que um artista tem hesitações. Deve desde já fazer todos os seus trabalhos com correcção, para não adquirir vicios e bandarilhar de futuro para os dois lados! Mario Santana faz uma pega de cara acceitavel.

3.º — Vapor, negro, listão, gravito, cabe a Simão Junior. Espera a gaiola; não consumando a sorte, coloca dois ferros compridos, saindo á tira, mas rematando á garupa. Pega nos curtos e na mesma sorte coloca dois pares e meio bem marcados, faz uma saida falsa do terreno dos touris e termina a lide com um curto cambiando terrenos rematando á garupa sem consentir. Achámos que Simão Junior carregou demais com a ferragem neste inofensivo quão voluntario animal. Num touro de poder o castigo sempre por nós é bem recebida.

Saem para a pega de volta Antonio Abreu e Jaime Alves não conseguindo consumar a sorte por três factos: o touro estar sentido, os cabrestos não o acompanharem e mostrarem-se ambos demasiadamente ao animal.

4.º—Baixinho, listão, bocalvo cabe aos amadores Jaime Cadete e Artur Ribeiro. Nem um nem outro nos agradaram. Jaime Cadete colocou dois pares e meio a quarteio desiguais e Ribeiro teve uma saida falsa, colocando um par cambiado que saiu desigual por não ter marcado devidamente terrenos e não quadrar o garraio com que se defrontou. Pegou ainda na muleta dando alguns passes razoaveis mas dançando muito. Serra e Moura faz uma pega de cara acceitavel.

5.º—Caldeiro, negro, trabalho a duo para José Casimiro e Agostinho Coelho. O 2.º inicia a lide por uma gaiola. Depois José Casimiro toureia por garupas com curtos, secundado pelos pares de bandarilhas de Agostinho no ressalte. Muita ferragem e pouco trabalho de valor. Antonio Abreu e Jaime Alves pegam bem á volta. O lavrador é chamado á praça, não pela bravura dos touros mas pela nobresa.

6.º—Golfinho, negro, gravito, de poucas carnes, o mais irregular do curro, cabe a Alfredo dos Santos e Custodio Domingos. O primeiro não consuma a sorte de gaiola e seguidamente coloca um par a cambio e outro a quarteio bons, o 2.º deixa um par cambiado, faz duas saidas falsas e termina com um quarteio muito bons. Com a muleta tem uns passes muito deligentes e variados que aplaudimos. Braga de Sousa tem uma boa pega de cara. Chamada á arena dos dois bandarilheiros e do forcado, não podendo nós compreender porque foi que Alfredo não veiu agradecer.

7.º—Malhinho, negro, bragado, cabe a Simão Junior, espera á gaiola, cravando á garupa, mais dois compridos á meia volta, um curto na mesma sorte e um curto á tira. Clemente Pinto faz ao sopé a melhor pega da tarde. Pena foi que não a tivesse feito de cara. Grande bronca ocasionada por Agostinho Coelho. Chamada á arena de Simão Junior e Clemente Pinto.

8.º—Silveiro, malhado, estrelado, gravito, o peor do curro. Resentido dos quartos trazeiros e manso, cabe a Pláz Flôres e Cebola. Nada poderam fazer estes dois bandarilheiros. Fernando Santos tenta pegar de cara sofrendo tres derrotas, outro tanto succedendo a Muñoz Crespo. O touro era dificil para a pega, embora a entrada fôsse boa. Bregaram com acerto Agostinho, Alfredo Custodio, Pláz Flôres e Fernando Henriques. A direcção da corrida a cargo de Manuel dos Santos acertada.

El Rodriguito

SAPATOS DE TENNIS
FORMA INGLEZA A 55:00
SAPATARIA CHIADO
96 — RUA GARRETT — 98

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças — Cirurgia infantil
Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.º—Telef. C. 5020

CHAUSSURE CASIMIRO
CASIMIRO SILVA
Fabricante de calçado de grande luxo
112, Avenida da Liberdade, 114

LAXEOL
O unico producto que cura todas as doenças intestinaes
Lab. Farm. Internacional — R. DO OURO, 228

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 — RUA DA PRATA, 250, 2.º

MAQUINAS DE ESCREVER IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

PORTUGAL ULTRAMARINO

A provincia de Angola e a acção do Alto Comissario

O que nos diz o sr. Venancio Guimarães

O importante africanista sr. Venancio Guimarães conversou com o jornalista, ácerca dum discurso do sr. presidente do ministerio e da entrevista dada ao «Diario de Lisboa» pelo sr. dr. João Emauz de Leite e Ribeiro.

—O sr. presidente do ministerio foi profundamente injurioso para comigo. Em lugar de responder ás considerações do deputado sr. Cunha Leal, em que foi tocado, atirou-se a mim, apodando-me de «negreiro», fazendo tanto barulho em torno desse caso, que, decerto, com ele pretendeu apenas encobrir ou a sua ignorancia do que se passa em Angola, ou o desejo de se furtar a discutir os pontos tratados pelo sr. Cunha Leal. De resto, não deve ter digerido a portaria do sr. Norton de Matos...

—Qual portaria?

—Aqui tem o Boletim Oficial de Angola. O sr. Norton de Matos limita-se a proibir-me de angariar trabalhadores, a suspender os meus auxiliares a mandar ouvir os trabalhadores por mim angariados para a Sociedade de Recrutamento de Mossamedes e para a minha firma Venancio Guimarães & C.ª. Se eu houvesse sido o «negreiro» que o sr. presidente do ministerio disse ver em mim, a primeira coisa que o sr. Norton de Matos tinha a fazer era enviar-me para os tribunais ordinarios, visto que se trata de um crime previsto e punido pelo Codigo Penal. Não o fez, porque não havia motivos para isso, como não havia motivos para a publicação da portaria, como eu em breve terei ocasião de demonstrar, logo que o Conselho Colonial julgue o recurso que interpuz em devido tempo e que vou oferecer á apreciação do paiz.

—Quando?

Por estes dias publicarei o primeiro folheto, explicando o meu caso e as prepotencias de que fui vitima por parte do sr. Norton de Matos. Fá-lo-hei de modo a convencer todos de que é um tremendo perigo colocar um homem como o sr. Norton á frente duma colonia que, para ser rica e prospera, apenas precisa que a administrem bem.

E como ficassemos um pouco admirados:

—Compreendo o seu espanto tanto mais que a maior parte da gente, só conhece Angola, através dos reclamos da Agencia Geral. Ha mais de dois anos que está lá o sr. Norton de Matos. Onde estão as contas da gerencia? Porque não as publicam? Porque não as demonstram que os orçamentos da Colonia não passam dum «bluff», que a ninguem consegue enganar porque a propria imprensa inglesa, que procura ser simpatica ao Alto Comissario começa a pintar a situação tão carregada de cores que facil é deprender-se da sua leitura que nos estão reservados dias de grande provação. Pouco ante de eu partir de Loanda, comentando-se o pessimo estado das contas provinciais, a mim mesmo me disse um dos mais altos funcionarios da Fazenda, que, no dia em que lá fosse alguem para fazer as contas devidamente, iam todos para a cadeia.

E o sr. Venancio Guimarães prosseguiu:

—Já ha muito mais duma centena de milhares de contos provenientes de emprestimo, gastos sem saber em quê. No artigo do «Daily Telegraph», feito sobre informações do consul inglês em Loanda, diz-se que o material do caminho de ferro importado da Inglaterra deve ser pago pela verba de £ 936.000, do credito de 3 milhões conseguido na Inglaterra pelo governo da Metropole. Sendo assim, em que é que se gastaram muito mais de cem mil contos dos emprestimos a que o deputado sr. Cunha Leal se referiu na Camara?

—Não ha nada feito?

—Não, não ha nada feito; a não ser em Loanda um bairro para moradia de funcionarios, a que lá pitorescamente chamam «Bairro do Amor de Perdição». Os portos estão na mesma, os caminhos de ferro do Estado estão pior...

—Inaugurou-se a estação do Lubango?

—E' certo. Sobre isso, é curioso ler os jornais, para se ver até que ponto desmarcado vai o reclame. Eu fui empreiteiro do caminho de ferro de Mossamedes, que, muito antes de ir para Alto Comissario o sr. Norton de Matos, tinha todas as terraplenagens e obras de arte concluidas até ao Lubango. Faltava apenas assentar os carris. Se no-los houvessem fornecido, ha anos que a locomotiva teria galgado a Chela, não dando oportunidade para os espalhafatosos encomios de agora, tão exagerados, que a gente chega a supor que foi o sr. Norton quem fez aquele caminho de ferro que, como lhe disse, muito antes de ele lá chegar, tinha concluidos todos os serviços de construção.

* * *

Sobre as declarações do sr. dr. João Emauz de Leite e Ribeiro:

—Vi a entrevista do sr. dr João Emauz, a quem conheço desde o primeiro dia em que chegou a Angola. Bem vê, aquilo é apenas literatura. O dr. Emauz é um impenitente «blagueur» e toda a entrevista é uma hilariante «blague». Ainda ha dias, falando comigo a respeito de Angola, da maneira por que aquilo por lá corre, e das opiniões que muitas vezes se manifestam em plena discordancia com o que pensamos, me dizia o dr. Emauz: — «Bem vês, a situação de F... não lhe permite falar de outro modo. E' director da Companhia e a trôco de uma pequena participação conseguiu do Estado as concessões que queria. Mais ainda: conseguiu que o Norton se obrigasse a fornecer-lhe todos os trabalhadores necessarios!» Neste caso temos o Estado feito «angariador de pretos» para lhes não chamar o feio palavrão com que o sr. presidente do ministerio me mimoseou. Hoje assim é. Só tem pretos quem o Alto Comissario quer, quem estiver nas suas graças. O problema do trabalho indigena, problema de cuja solução rapida depende a vida ou a morte de Angola, tem sido posto, sob o consulado de Norton de Matos, de maneira quasi insoluvel. Mas tudo isto é muito vasto, não é tratavel no espaço restrito de que vos dispõe...

Para terminar:

—Uma noticia sensacional que ha pouco ouvi, e sobre a qual se pódem fazer os mais tristes prognosticos, a respeito do futuro das finanças de Angola: — E' sabido de todo que o sr. Norton gisou em grande parte o futuro edificio financeiro da provincia sobre as receitas provenientes do contracto que fez com a Companhia dos Diamantes, á qual inconstitucionalmente concedeu um exclusivo com a duração de 30 anos. Essas receitas vinham-lhe da participação nos lucros da Companhia dos Diamantes de Angola, nos termos do contracto lavrado, dos dividendos que o Estado, tambem accionista, auferiria e ainda dos emprestimos a que, por conta dos futuros lucros, a Companhia se obrigava. Corre, porém, que um sindicato de minas de diamantes da Africa do Sul, interessad , como se compreende, em evitar a desvalorisação do produto pela grande afluencia deste aos mercados mundiais, adquiriu a maioria das acções da C. D. A., com o fim de fazer cessar os trabalhos na provincia, que, nestas condições, só criam, no momento presente, inconvenientes, e originam até prejuizos aos quais as companhias sindicadas não estão dispostas a fazer face. Eis a noticia. Se é, como presumo, verdadeira, lá se vai por agua abaixo a maior fonte de receita, filha de um contracto em definitiva, levianamente feito.

Companhia Construtora de Casas Economicas
Soc. An. Resp. Ltd.
Séde-L. de S. Domingos, 11
Assembleia Geral

Para eleição da meza da Assembleia Geral, Conselho Fiscal e substitutos, é convocada a reunião dos Ex.mos Acionistas para o proximo dia 30 do corrente mez ás 22 horas, na séde desta Companhia.

Lisboa, 14 de Julho de 1923.

A DIRECÇÃO

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Eliza Garção Zagalo Vieira da Silva, D. Maria Eliza Caldeira Otolini de Brito e Abreu, D. Alda Pinho Pereira Gomes de Melo, D. Maria Ana da Cunha da Camara, D. Maria Luisa Gomes de Amorim Ferreira Lima, D. Maria Benedita da Costa Campos e D. Mercês Costa Martins.

E os srs.:

Conde de Paraty, D. Luís Mendia de Lancastre, Sebastião Maria do Carmo Pereira da Cunhe, Henrique de Brion e Rodrigo Diniz.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª viscondessa de Santo Tirso (D. Maria Eugenia) esposa do sr. visconde de Santo Tirso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—A sr.ª D. Henriqueta Amelia Oliveira dos Santos, esposa do sr. Ambrosio dos Santos, teve ha dias o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de prefeita saude.

Baptisados

O batisado de uma filhinha da sr.ª D. Eugenia de Melo e Castro de Barros e do sr. Manuel de Barros (Alvelos), realizou-se ha dias na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, recebendo a gentil criança o nome de Maria José, tendo servido de madrinha a avó materna sr.ª D. Carolina de Melo e Castro e de padrinho o avô paterno sr. visconde de Alvelos.

—Na Basilica da Estrela, realizou-se ha dias o baptisado de uma filhinha da sr.ª D. Maria Guilhermina Martins de Serpa Viana, e do sr. José Manuel de Serpa Viana, recebendo a gentil criança o nome de Amelia Ivone.

Diplomatas

Encontra-se quasi restabelecida a senhora D. Carlota Cardoso de Oliveira, gentilissima filha do embaixador do Brasil entre nós.

Praias e termas

Vidago, 13. — Principiam a animar-se as termas em Vidago. A concorrencia, que já é regular, promete aumentar, pelo numero de pedidos de quartos, que é enorme. Como sempre, o «Palace-Hotel» marca, pela assistencia. Os novos concessionarios, Cesario & Ramalho, esforçam-se para proporcionarem aos seus hospedes todo o conforto e distração. O serviço de mesa é completo e perfeito. O quinteto «Fabre» é maravilhoso, executando um reportorio escolhido e de fino gosto artistico. A direcção clinica das termas está confiada ao ilustre professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, dr. Morais Sarmento, amavel e gentil para os seus doentes, que trata com carinho e dedicação. Este ilustre clinico está fazendo curas maravilhosas com as aguas injectadas no organismo, o que tem dado optimos resultados. A temperatura é amena e perfumada, convidando os acquistas a uma permanencia continua ao ar livre. Projectam-se grandes festas, e, entre elas, em breve, a inauguração do «Chá Dancing», sendo convidados os acquistas das Pedras Salgadas.

Que nos recorde, presentemente estão no «Palace-Hotel» os srs.: dr. Morais Sarmento e esposa, conde de Tarouca, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, Alto Comissario de Moçambique, esposa e filha, Antonio dos Santos, D. Maria da Conceição Marques Amorim, Manuel de Figueiredo Fernandes, Manuel Fernandes e esposa, D. Esther Rosa, D. Mariana Pinto de Matos, Alberto de Barros e esposa, D. Palmira Sanches de Noronha, José de Morais, José Azenar e esposa, D. Gloria Oteil, Ernesto Carlos de Mendonça e esposa, Carlos Eleuterio de Almeida, D. Laura Palha Blanco Infante de Lacerda, Francisco Theotonio e esposa, Ivo Lopes e esposa, Joaquim Gaudencio Pacheco e esposa, D. Margarida Pacheco, D. Maria Cabila Macedo, Rodrigo Guimarães, duputado, D. Paulina Schindler, Antonio Mantas, antigo deputado e governador civil.

São esperados amanhã:

Dr. Joaquim Cabral e familia, dr. Antonio Couceiro e familia, conselheiro Ayres d'Ornelas e familia, marquez de Castelo Melhor e familia, dr. Antonio d'Azevedo e familia, condessa Alto Mearim, D. Carlota Paiva e familia. — *A. M.*

Em viagem

Parte brevemente para a Parede com sua esposa e filhinhos, o sr. D. Carlos de Noronha (Panty).

—Partiu para Penafiel o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto.

—Está nas Pedras Salgadas a senhora D. Laura A. Silva.

—Partiu para Portalegre o sr. Antonio Corsino Caldeira.

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.º — Tel. C. 5020

Manuel Gonçalves Vitorino

Alfaiate, ex-socio da Casa Piccadily, participa que se encontra actualmente na Casa Feio, Ferreira & Vilas, L.da—Rua Augusta, n.os 285 a 289, onde espera continuar a receber as estimaveis ordens dos seus amigos e clientes.

A's Senhoras
Pastilhas para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

SCALABITANOS
Deliciosos licores! Soberba apresentação!
DEPOSITO GERAL — Telef. C. 1196
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

EPISTOLARIO

Uma carta de Julio Castilho

ao general Fernandes Costa

apreciando um livro deste poeta e academico

A cuidada carta do 2.º visconde de Castilho, que este *Epistolario* hoje dá á estampa, foi me amavelmente comunicada pela cultissima filha do destinatario, sr.ª D. Maria Fernandes Costa.

Bem quizera a ilustre senhora inclui-la na *Resenha Bibliografica* recentemente publicada.

Começára Fernandes Costa em 1913 esse curioso livro, arquivo das apreciações, quer publicas quer particulares, que jornalistas, artistas e escritores portugueses e estrangeiros fizeram aos livros que trouxe a lume, desde que em 1889 se apresentou a publico com o *Livro das Soledades*. A compilação ficou na 11.ª folha; e agora as mãos filiais da sr.ª D. Maria Fernandes Costa apanharam piedosamente do chão essas flôres sêcas que a admiração dos temporaneos lançara sobre a fronte de seu pai, e, juntando-lhes outras recentes, deu fecho ao volume com mais uma folha, vestiu-lhe a sua capa de *vêr-ao-Publico* e mandou-o correr mundo, distribuindo-o a amigos e admiradores do extinto escritor, a criticos e jornalistas, sem receber por isso o menor reembolso de despezas e trabalho, antes dando-se por bem compensada com a publicidade desta homenagem.

Ora, já correndo mundo a *Resenha*, dá-se o caso de ter surgido a carta que vem agora a lume, no meio duma papelada velha que o poeta do *Eterno Feminino* guardara num desvão de certo movel. E não seria ela, que precisamente deste livro se ocupa, das somenos ilustrações á obra do falecido poeta e academico. Ouviu o autor destas linhas da bôca da sr.ª D. Maria Fernandes Costa a narrativa arrelienta do caso e a leitura da carta e o mesmo foi pedir-lh'a para a apresentar como literario acepipe aos leitores do *Diario de Lisboa*. Teve este pedido a sorte de ser bem acolhido pela distinta senhora; e, dando aqui a publico o escrito, de algum modo me penitenceio de uma culpa de que não tenho culpa: a minha ausencia na romagem que os admiradores e amigos de Fernandes Costa organisaram depois da sua morte, depondo os preitos ao poeta nas paginas do Almanaque Bertrand, que ele em vida inteligentemente dirigira, e sua filha agora com herdada lucidez continua.—*M. Cardoso Marta*

Ex.mo Am.o S.nr

Em quanto não tenho o gôsto de realisar a projectada viagem a Bemfica, escrevo esta carta a V. E. para desde já lhe agradecer a extrema bondade e amabilidade da offerta do seu livro, trazido pelo proprio illustre Autor, e enriquecido de uma dedicatoria autógrapha, tão amigavel quanto immerecida. Não tenho expressões com que pinte bem o meu agradecimento, sobre tudo depois de ter lido o livro; bella obra, que levaria largas pagtnas para ser devidamente analysada, e mereceria como poucas esse preito.

Li o Eterno Feminino *com a maior avidez e attenção, por ser de quem é, e por sentir desperto o apetite pelas leituras que de um ou outro soneto V. E. me tinha feito no acto da entrega do volume. Já por experiencia sabia quanto é bom metrificador, predicado raro hoje em dia; sentia curiosidade de o ver entregue á pesada faina de domesticar duzias e duzias de sonetos. Para mim é o soneto uma forma difficiltima, que da sua difficuldade mesmo depois de vencida tira a melhor parte do seu encanto. Ora, como nem todos os poetas são bons domadores d'essa caprichosa fera, interessava-me de veras ver o melodioso autor das* Soledades *a braços victoriosos com um genero, que tantas palmas conquistou ao inimitavel Bocage.*

Gostei immensamente da leitura; pude apreciar muitas lindezas melhor do que na rapida audição. Teria muitissimo que dizer, se estivesse escrevendo um artigo critico para qualquer Revista; mas nunca escrevo criticas; não me atrevo; sei e confesso o pouco que valho; não quero impor as minhas opiniões, ou singelas persuasões; limito-me quasi sempre a reservar para mim o que penso. Entretanto, quanto a este livro, posso afirmar com franqueza ter achado sonetos agradaveis, outros muito bellos e alguns magistraes. Ha-os, que são lindos esboços a lapis; ha-os, que se me figuram graciosas aguarellas muito leves, que nos deslumbram; ha-os, que podem ser comparados com quadros completos, já emmoldurados e pendurados em galeria,

Os que V. E. urou das suas recordações de mocidade e infancia, e onde a narrativa se illumina directamente pela saudade, são dos melhores do volume. Aquelles, por exemplo, em que nos apparece, como numa miniatura em esmalte, a figura d'elRei D. Pedro V e a da Rainha, acolhendo uma criança, que depois foi um militar, e por sua vez acolheu outro pequenito, esses não esquecem mais. E' singular como com tão pouca tinta e traço tão vago, se poude conseguir um tal impromptu, *com relevo, com semelhança, com colorido, com grandeza, e a trasbordar de affecto.*

Os dois sonetos á Santa Virgem Maria conteem perolas de sentimento.

Saltam, aqui e ali, outros muitos engenhosos, e cuja chave de oiro nos faz sorrir com agrado: o de Hero e Leandro, *por exemplo; o intitulado* L ..., *etc,*

O soneto Madonna *faz lembrar um dito que se attribue a Octavio Feuillet; perguntaram-lhe qual era segundo elle a felicidade verdadeira; respondeu: Ter filhos bonitos, e sempre na infancia.*

Muitos outros sonetos poderia citar em vários géneros; mas tenho receio de me allongar demasiado. A consciencia do autor lhe segredará talvez, através da modestia, muito do que eu ou qualquer outro leitor gostaria de dizer.

E' este livro impecavel? é correcto em todas as suas partes? não, porque não os ha no mundo. Se não fosse uma especie de profanação excogitar defeitos em tamanha somma de lindesas, talvez um meticuloso podesse achar algumas infracções contrarias á tecnica do soneto genuino, o soneto como certos caturras o desejam, e como o executaram os Antigos. Mas por mim, Deus me livre de me dar ares de Catão censor, apresentando importunas e inopportunas restricções aos louvores. Os reparos de um leitor obscuro, como eu, não poderiam contrabalançar os elogios de todo o Pubaco.

As referencias são de muitissima erudição; a leitura d'ellas interessou-me intensamente. Cito entre todas essas laboriosas notas a rehabilitação da Senhora D. Maria Francisco Isabel de Saboya; é obra completa. Convence os mais desprevenidos. Eu proprio, que não costumo seguir malevolencias historicas, confesso com pena ter-me deixado atgures levar na corrente, e ter sido pouco justo para com a infeliz Princeza. Hei-de compensar o meu erro apenas possa. Essas investigações de V. E. revelam estudo profundo da Historia de França; compulsou muitos documentos, aproximou-os uns dos outros, e acendeu uma grande luz. Bem haja pela sua nobre intenção, e pela inteira convicção que nos deixa. Belas paginas, e irrespondiveis.

Queria escrever mais; e teria que dizer; mas não posso agora. Apanhei um furioso defluxo, convertido logo em bronchite asthmatica, e estou incommodadissimo. Abenção este livro, que no meio da minha semsaboria habitual me deu praseres intellectuais, envio ao autor (emquanto lh'os não renovo em pessoa) os meus mais vivos e cordeais agradecimentos. Tenho cá duas bilhinas de leite, com que desejo corresponder um pouco a esta riquissima amphora de azeite; serei o portador, apenas a bronchite e o tempo melhorem.

Com os meus parabens receba o talentoso poeta um pedido que lhe faço: não descance; continue na faina; bem lh'o merecem as Letras nacionaes.

De V. E.
admirador e am.º m.to e m.to ob.do

Julio de Castilho

Lumiar
17 de Janeiro de 1914

S. CARLOS Telef. C. 5063
HOJE: Despedida da linda peça
ZAZÁ
por LUCILIA SIMÕES. «Dufresne» Erico Braga.
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00
A'MANHÃ: Recita de LUCILIA SIMÕES
ESPECTACULO DA MODA
A peça em 3 acto, de Ibsen
Casa de Boneca
Reaparição do professor ANTONIO PINHEIRO.
Bilhetes á venda

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE— A's 20 3|4 e 22 3|4 —HOJE
2 ESPECTACULOS 2
com a revista de grande espectaculo
FADO CORRIDO
que obteve um exito colossal pelo seu fino espirito critico e pela sua luxuosissima montagem.
Espectaculo de franca gargalhada! Graça sem pornografia!
Preços — Fauteuils desde 7$00. Geral 2$00.
AVISO — Os bilhetes do teatro Maria Vitoria dão entrada gratuita no Parque Mayer.

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer)
TODAS AS NOITES
Variadas e interessantissimas diversões. Funcionam todas as instalações completas.
CONCERTOS DE BANDA
ORQUESTRA OU JAZZY-BAND
PROFUSA ILUMINAÇÃO

TEATRO AVENIDA
A's 9 1/2 da noite
Retumbante exito da revista
BICHINHA GATA
com o NOVO QUADRO
Ontem, Hoje e Ámanhã

O "record" da reportagem cinematografica

Os funerais de Junqueiro — no Cinema Condes —

Após o encerramento forçado pelo dia de luto nacional, reabriu ontem o Condes as suas portas, batendo o «record» da reportagem cinematografica com a exibição de um esplendido *film* com os mais curiosos aspectos dos funerais de Guerra Junqueiro. Ontem estreou-se ali com enorme exito o esplendido drama de arte *XV Preludio de Chopin*, magistral interpretação dos grandes artistas André Nox e Nathalie Kowanko. Amanhã estreiam-se as duas ultimas jornadas dos *Parias do Amor*.

A VIUVA GOMES
espera hoje a visita de V. Ex.ª no
Nacional Telef. N. 3049
onde lhe fará
A mais alegre das recepções

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE — A'S 21,15
A Morgadinha de Val-Flor
A imortal peça de PINHEIRO CHAGAS, brilhantemente interpretada pela
COMPANHIA PALMIRA BASTOS

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
O grande exito
ORDEM DE MARCHA

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Ao Acaso...

Os poetas estudam os enigmas do seu coração; os sabios estudam os enigmas do Universo. Uns e outros fazem o mesmo que as crianças, quando lançam, nas aguas de uma torrente, um barquinho de papel.

* * *

Duma ideia feliz nasce, ás vezes, uma obra tosca, grosseira. Acontece o mesmo com certas plantas que os jardineiros obrigam a ficar raquiticas, julgando torna-las belas.

* * *

Num lance doloroso, surge-nos um pensamento consolador... E' o unico amigo a quem devemos estender os braços.

* *

As pessoas que se contam *sempre a si proprias, tornando-se como o mais interessante dos assuntos, sofrem os efeitos da sua falta de imaginação.*

* * *

Um homem de genio pode ser vitima da injustiça dos seus contemporaneos. As honras e glorias que a posteridade lhe venha a conceder provarão simplesmente que o seu espirito já está convertido em lugares comuns.

* * *

Quando o publico pateia um autor dramatico, este, se tiver talento para tanto, pode do drama do seu insucesso fazer a sua melhor peça.

* * *

O Amor é um assunto inexgotavel, porque não depende da inspiração, visto esta viver sugeita a tão poderoso senhor.

* * *

Quem muito fala talvez consiga mover uma turba, mas nunca um homem de juizo.

* * *

As violencias da sensibilidade pagam-se com sacrificios de amor proprio.

* * *

Os pobres pedem esmola por amor de Deus. *E' esta a sua maneira de colaborar na comedia dos sentimentos falsos.*

* * *

As mulheres apreciam a bravura dos homens, mas só emquanto estes ainda podem cometer uma grande covardia, por amor.

X.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

Entrada livre

Na feira do **Parque Mayer** a todos os portadores de bilhetes para o teatro **Maria Vitoria.**

"IN ILLO TEMPORE..."

Quem era o estudante Azevedo indultado ha quarenta anos?

O "Diario de Lisboa" ouve o sr. dr. Azevedo e Silva

Já o *Diario de Lisboa* o disse, segundo a informação do *Diario de Noticias:*

— Há 40 anos D. Luiz passando pela estação de Coimbra prometeu, ou foi levado a prometer, o indulto a um estudante Azevedo

Quem foi esse estudante Azevedo?

Cousas academicas, de ha quarenta anos, quem delas se lembra? Não se recordam muitos, seguramente. Mas lá estão os livros a recordá-las.

In illo tempore conta ao de leve a historia, e deixa o rastilho. O estudante Azevedo é o sr. dr. Azevedo e Silva, hoje procurador geral da Republica.

— Ha tanto tempo. Tenho 65 anos. Veja: era eu então um rapazola.

E o ilustre alto funcionario em ar de narrativa, arrancando memorias, lembrando nomes, vai por ali fóra.

* * *

1882. Coimbra. Faziam acto no terceiro ano de Direito dois rapazes vivos, estouvados, espirra-canivetes. Azevedo e Silva e Manuel Gomes Palma. Eram ambos republicanos. Azevedo passou *simpliciter*, pois teve um R. Gomes Palma não resistiu aos dois R. R. que atribuiu aos lentes Laranjo e Assis Teixeira.

Havia então em Coimbra um jornal republicano, a *Evolução*. Toca de escrever cada um seu violento artigo; o Palma contra o Assis Teixeira, o Azevedo contra o Laranjo. O actual procurador geral logrou encontrar erros profundos na obra do lente considerado, e isso causou escandalo na Universidade e em Lisboa.

Reune o Conselho de Decanos das cinco Faculdades. Os estudantes — expulsos!

Troia!

—Ainda me lembro de dois dos lentes que votaram a expulsão: o Coelho, de Matematica, e o Pedro Penedo — o famoso — de Direito... Vesperas do Natal de 82. Coimbra já não tinha estudantes, e eu, que me quedava por Coimbra, a protestar, recebi ordem de expulsão da cidade. Tiveram até de me levar ao comboio. Custou-me a arranjar dinheiro, por tal sinal.

O nosso entrevistado, cuja cabeça toda branca recorda o episodio com certa alegria, conhecia meio mundo do jornalismo em Lisboa. A questão irritara-se. Artigos, circulares, o diabo. O *Diario de Noticias* publicou em fundo um artigo contra a Universidade! Depois a propria *Nação*. Assombrados, os lentes começaram a sentir a gravidade da questão, que alastrava. Para os dois estudantes poderem voltar a Coimbra seria preciso «a graça» de Sua Magestade. Mas eles eram .. republicanos. Não ficava bem pedir... Ora do embaraço os tirou o governo, depois de pedidos indirectos, consentindo que a expulsão fosse dada por nula, após varios considerandos.

E o dr. Azevedo e Silva lembra:

—Até fui consultar o Arriaga, que era advogado em Lisboa. Que sim, que fazia bem não solicitar a graça regia, mas desde que o governo resolvera que nós voltassemos, podiamos voltar.

E Gomes Palma com Azevedo e Silva voltaram. Musica, foguetes, luminarias, festas em Coimbra. Camões, que estava de crepes desde a expulsão, foi descoberto novamente. O dia da volta dos dois «rebeldes» coincidiu com a procissão do Senhor dos Passos. Que grande procissão se fez com a presença da Academia em peso — que fôra á estação esperar os herois.

—Mas—prossegue o narrador — falta dizer que a nossa volta á Universidade tinha como compensação... oito dias de cadeia academica. E sucedeu isto, que foi pasmoso: a Congregação da Faculdade resolveu que eu, que já tinha 4 faltas, juntas as 10 de prisão, perdesse o ano por faltas, cousa que não sucedeu ao Palma, que não tinha falta nenheuma, e aqui é que está a historia...

E lembrando:

—Na cadeia todas as noites musica e pandega. Mas o ano perdido?...

Arranjou-se então uma comissão para se conseguir alguma coisa de pratico e redentor para o estudante Azevedo. Da comissão faziam parte Eduardo de Abreu, Carlos Lobo de Avila, o conde de Paçô Vieira, e o Abel Fonseca, de Trancoso, pai do actual deputado Antonio da Fonseca. O Azevedo fez um requerimento curioso, ao Barjona de Freitas, que era do Reino, e nesse requerimento alegava que a graça do indulto o prejudicára, pois dela resultou a cadeia, e da cadeia—a perda do ano. O indulto era incontitucional.

Barjona—não gostou. O requerimento não teve resposta, e a Academia ficou indignada.

—Passou então por Coimbra Sua Magestade, e nem um estudante na gare, contra o costume. D. Luís perguntou o porquê ao Governador Civil...

—«Saiba Vossa Magestade que é por causa de não ter resposta o requerimento do estudante Azevedo. Os rapazes estão fulos».

O soberano insinuou á autoridade que na volta levasse os rapazes á gare. «Alguma coisa se arranjaria». E foi a Academia em peso, menos o Palma e o Azevedo.

Eduardo de Abreu, que era então progressista, estudante quintanista vivo e prestigioso, salta á carruagem rial, sacudindo a policia, e depois de ter exposto o pedido á Magestade, que lhe promete simplesmente «recomendar ao seu governo», volta-se para os quinhentos academicos que pejavam a gare e berra:

— Sua Magestade acaba de me dar a sua palavra de honra de que o estudante Azevedo é indultado e pode fazer acto.

Reboou uma tempestade de aplausos. D. Luís ainda pareceu querer dizer qualquer cousa, mas Eduardo de Abreu desapareceu, o comboio seguiu para Lisboa e no outro dia foi, de facto, publicado o decreto.

Colegas do dr. Azevedo e Silva desse curso restam hoje o Gomes Palma, que está em Beja, a dr. Fonseca, pae, o dr. Antonio Osorio, que está no Supremo, o dr. Gonçalves Teixeira, dos Estrangeiros, o dr. Macedo Santos, delegado na Boa Hora, o dr. Mesquita de Carvalho, irmão do genro de Junqueiro, entre outros, que não comparecem á primeira sacudidela da memoria do antigo indultado.

E o caso é que se não passasse D. Luís por Coimbra, e não fosse a audacia do falecido Eduardo de Abreu, depois republicano ainda na Monarquia, talvez o estudante Azevedo se não formasse — e a gente hoje não o tinha para encher estas duas colunas na Procuradoria Geral da Republica.

Escrita á maquina

Ensino rapido, perfeito e garantido na

ROCIO
ARCO BANDEIRA 81

MAIS UM ATENTADO

2 TIROS

contra um industrial

por ter despedido

dois dos seus operarios

Continua a registar-se diariamente repugnantes atentados pessoais que, não tendo, na maioria dos casos, a menor justificação, tornam a capital do paiz inhabilitavel pelos riscos que constantemente corre quem se atreve a transitar nas suas ruas.

Hoje, a meio da tarde, correu o boato de que se tinha dado mais um crime desa natureza, vitimando um director dum importante estabelecimento fabril.

Afinal, o caso não teve a importancia que a principio se lhe atribuiu.

O habil agente Rosa, encarregado das investigações, em breve averiguou o seguinte:

O sr. Francisco Cluny, engenheiro director das oficinas da Industrial Agricola, com séde na rua do Jardim do Tabaco, 3, despediu no sabado os operarios José da Silva, rua Maria, 325, e João Coelho, estrada dos Prazeres, 7.

Estes que ainda são dois rapazes novos, resolveram vingar-se.

Efectivamente, quando, pela uma hora da tarde, o sr. Clumy saia da oficina e atravessava a rua em direcção ao n.º 33, onde se acha instalado o escritorio, surgiu um desses operarios, enquanto o outro se conservava a distancia, e, puxando duma pistola, disparou dois tiros contra ele.

Felizmente nenhum deles o atingiu, indo um partir o vidro duma tabacaria.

O alvejado correu sobre o autor do atentado, mas este conseguiu pôr-se em fuga com o seu companheiro.

O agente Rosa procura activamente os dois criminosos que se acham escondidos.

* * *

Durante a tarde o sr. Cluny tem sido alvo de grandes manifestações de simpatia, da parte, não só dos operarios, mas tambem de numerosas pessoas que têm ido felicitá-lo por ter ficado ileso.

Assinaturas de verão do «Diario de Lisboa»

O *Diario de Lisboa*, afim de facilitar aos leitores que nesta quadra se deslocam para a provincia, a sua leitura, resolveu criar assinaturas por pequenos periodos, nas seguintes condições:

Preços	10 dias.....	Esc.	2$00
	20 »	»	4$00
	30 »	»	6$00

Os pedidos devem ser dirigidos á administração deste jornal, acompanhados da respectiva importancia em vale postal ou carta registada, com as necessarias instruções.

CAMBIOS

DIA 16

	Comprador	Vendedor
£/ Londres, cheque	2 15,64	—
» 90 dias	—	—
£/ Paris	1$365	—
£/ Berlim	0,10	—
£/ Holanda	9$150	—
£/ Madrid	3$330	—
£/ Bruxelas	1$135	—
£/ Roma	1$000	—
£/ Suiça	4$030	—
£/ Suecia	—	—
£/ Noruega	—	—
£/ Dinamarca	—	—
£/ Nova-York	2$200	—
£/ Brasil	2$450	—
Rio £/ Londres	5 1/2	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

A SEGURANÇA PUBLICA

LISBOA

está apenas guardada

por 300 policias

Fala o governador civil

São 16,30 horas. A sala de espera do governo civil, antecamara do gabinete do major sr. Viriato Lobo, está repleta de comissões.

Conseguimos ser recebidos imediatamente pelo chefe do districto que nos atende amavelmente.

—O que ha sobre prisões?

—Nada. Está tudo socegado.

—Os presos já foram postos em liberdade?

—A policia está activando as investigações.

Mudando de assunto:

—Os jornais todos os dias acusam a policia de permitir que os garotos apedrejem as janelas, etc., etc...

—E não tem razão?

—Não, senhor. Pois se não ha policia em Lisboa...

—Não ha policia?

—Pela ultima reforma ficaram existindo mil oitocentos e sessenta guardas da segurança.

—E não chegam?

—Sabe quantos andam ao serviço?—Trezentos.

—Para onde vão os outros?

—Uns vão para a Boa-Hora servir de testemunhas; outros são impedidos de varias entidades. Não falando nos doentes e noutros serviços, ficam apenas ao serviço entre o dia e a noite uns trezentos guardas para segurança publica.

—E não ha maneira de suprimir essas faltas?

—Fixando o numero de guardas nuns três mil.

—Actualmente, quantas ruas vigia um guarda?

—Umas dez. Diz-se que Lisboa anda infestadas de gatunos. Ora isso não é verdade, porque, se tal se désse, a estas horas estavam todos os estabelecimentos saqueados.

—Tem algum projecto sobre o assunto?

—Penso elaborar as bases duma nova reforma do serviços policiais, para entregar ao governo.

—Póde dizer-me alguma das bases do seu projecto?

—Em primeiro logar, impõe-se a acquisição de três camions para condução de presos, de forma a evitar espectaculos deprimentes, como o que se deu ha dias com um preso que pretendeu fugir á policia.

—Mas a policia não tem já um camion?

—Esse está mais tempo em reparações que ao serviço.

—Só?

—A colocação de postos electricos de alarme em todas as ruas, travessas e becos. Uma brigada de policias ciclistas, camions para condução de brigadas policiais, a fim de percorrerem varias arterias da cidade, etc.

—Quais as vantagens dos postos electricos?

—São para evitar que, em caso de acidente ou da policia ter de se deslocar do seu logar, para vir á esquadra buscar a maca ou comunicar qualquer noticia grave e urgente.

—Como funcionam esses postos?

—Por meio dum interruptor electrico, que acende uma lampada na estação do governo civil ou nas esquadras das respectivas areas.

Conferencias

Esteve hoje no governo civil a conferenciar com o chefe do distrito uma comissão de manipuladores de pão que foi pedir a liberdade do militante operario Domingos Pereira.

Tambem ali esteve a comissão politica do concelho de Almada que foi solicitar do sr. Viriato Lobo a anulação do decreto que exonerou o administrador daquele concelho.

SORO ANTIMENINGOCOCCICO

Do Instituto BEHRING, de Marburg. Prevenimos os ex.mos clinicos que já recebemos este sôro.

Depositarios: **Raul Vieira, Ltd.ª**
Rua da Prata, 51—Tel. 5386 e 2194 C.

D'AQUI A VINTE DIAS...

Quem será

o presidente da Republica

que os parlamentares elegem?

O "Diario de Lisboa" ouve o sr. dr. Magalhães Lima

Esta manhã o sr. dr. Magalhães Lima, rodeado de quarenta anos de vida politica, em retratos, em velhas fitas de seda empobrecidas de pó, em fotografias de grupos, em postais de todo o mundo, recebeu-nos.

Magalhães Lima foi proposto candidato á presidencia da Republica por um grupo de amigos que tem á cabeça um nome prestigioso—Teofilo Braga. Estamos a vinte dias dessa eleição e ainda se não definiu o horizonte politico. O velho democrata, jornalista, á vontade em frente do jornalista, deixa que lhe preguntemos:

—Diminuiram ou aumentaram as probabilidades da sua eleição...

—Como sabe eu não me propuz...

—Porquê...

—Só me proporia se o sufragio fosse directo.

—Do povo, como Sidonio...

—Sidonio foi um presidencialista; eu, sou um democrata.

—Um velho democrata...

—Quero que duas coisas fiquem bem assentes.

—Uma delas...

—E' a veneração que eu tenho por Teofilo, meu mestre, que indicou o meu nome para a presidencia... A outra é que não me propuz...

—Mas não recusa...

—Não. Entendo que um homem como eu que tem cincoenta anos de propaganda e que nunca aceitou nada da Republica, não se pode eximir a aceitar um cargo como esse...

—Esse homem deve ser...

—Uma figura absolutamente republicana. Bem sei que o cargo é um pouco decorativo. Ha que interpretar a opinião do Parlamento. Na maneira de interpretar é que está a dificuldade.

Magalhães Lima, conversa. Tem uma maneira especial de ouvir, de concatenar opiniões, para lhes dar uma sinteze. A uma fraze nossa sobre prestigio e popularidade diz:

—Nada ha mais dificil do que manter a popularidade. Um gesto, uma palavra, uma frase fóra do tempo pode destrui-la.

—A sua ainda não está destruida.

—Creio nisso, apesar de nunca ter tido ambições.

—Nem mesmo agora...

—A idade cansa...

—Engano! Engano! Uma vez—como isto já lá vai!—disse ao Barjona, que o homem chegando aos 70 anos, deve abandonar a vida publica. Ele assim o fez...

—O doutor, não...

—Li Victor Hugo. Nas suas memorias, ele diz:—«um homem que tem 74 anos, começa a viver». Que linda frase, hein? Adquire-se uma nova experiencia...

—E perdem-se as ilusões...

—Não, ah! isso não! Eu creio em tudo que amei na minha mocidade.—Com uma transição:—E' preciso imprimir uma linha de idealismo á Republica. Aproximá-la do povo, donde nasceu...

—Os seus amigos desistiram da manifestação que lhe queriam fazer...

—E eu gostei, sabe. Podiam interpreta-la como uma pressão sobre o Parlamento.

—E espera ser eleito...

—Teofilo tem esperança. Considera a minha eleição como um direito. Os votos que terei? Sei lá! Um, dois!... Vão agora editar os comentarios da imprensa estrangeira sobre a minha candidatura.

—Vimo-lo nos funerais de Junqueiro...

—Impressionaram-me, sabe? Tive a impressão de que foram mais concorridos que os de João de Deus. A mocidade, sempre a mocidade! Que lição, que esperança, que alma, ela nos deu...

Guerra Junqueiro

A homenagem dos alunos e professores da Escola Primaria de Cardigos

O director da escola primaria de Cardigos, tendo recebido da comissão dos funerais o pedido de fitas brancas para depôr sobre o ataude do glorioso poeta, enviou-nos as seguintes palavras:

«A nossa homenagem.

E'-nos pedida uma fita branca para depôr no ataude de Guerra Junqueiro! Perdidos num pequeno recanto extremenho, foi em vão que percorremos esta pequenina aldeia em sua procura.

...Não temos, pois, fitas de seda! Que importa?!... Todos nós—pequeninos e grandes—temos um coração que ámanhã—na hora da partida do grande poeta para os Jeronimos—saberá chorar o maior dos portugueses.

13 - ? — 923.

Os alunos e professores da Escola Primaria Geral de Cardigos».

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo de Conde Barão, 49.

Uma conferencia

«Gand, terra de flores e monumentos» pelo ilustre jornalista Edgard Lippens

Em Gand, a cidade de maravilhas artisticas, a celebre cidade universitaria da Flandres, realisou-se em abril deste ano uma Exposição Inter-aliada promovida pelos mutilados de guerra de todos os paizes que combateram a Alemanha. Foi comissario do governo belga nessa exposição o banqueiro e jornalista Edgard Lippens, a mesma pessoa que chegou hoje a Lisboa de visita aos amigos portugueses que conheceu nesses tempos da exposição e que realisa na proxima quarta feira, na Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre «Gand, terra de flores e de monumentos». E' necessario que os portugueses saibam corresponder com gentilesas ás gentilesas com que Edgard Lippens os recebeu na Belgica.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

Pelos teatros

Lucilia Simões

Lucilia Simões não carece de adjectivos. É uma atriz perfeita, uma grande e notavel artista que honra as tradições do nome que herdou e da terra portuguesa, a que pertence de alma e coração. Não temos, pois, que dizer mais do que Lucilia Simões realisa ámanhã a sua recita em S. Carlos e que, pela primeira vez, depois do seu glorioso reaparecimento no tablado, vai representar a formidavel peça de Ibsen a «Casa de Boneca», da qual creou, logo no inicio da sua carreira, a parte dificil de «Nora» com a qual logo se evidenciou artista de incomensuraveis recursos. A tradução da «Casa de Boneca» é de Erico Braga, ensaiou a peça o professor Antonio Pinheiro, que faz um do papeis, estando os restantes personagens entregues a Erico Braga, Mario Santos e Laura Lino.

Atrás do reposteiro

Terminou ontem os seus espectaculos, no Porto, sempre com grande sucesso, a Companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento, que representou no Aguia de Ouro as peças «A mãe», «P'ra viver feliz», «O Gaiato de Lisboa» e «Canções Portuguesas», por Aldina de Sousa e Alexandre de Azevedo; «Flor de Maio», «O Homem da Cadeirinha» e «A Rosa Engeitada».

—A nova Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho inaugura os seus espectaculos em agosto, no Apolo, com a peça «As Pupilas do sr. Reitor», de Ernesto Biester, extraida do romance de Julio Diniz. Os ensaios começaram já, sendo os principais papeis desempenhados por Maria Matos, Iréne Gomes, Georgina Cordeiro, Antonio Gomes, Oliveira (do Porto), Duarte Silva, Penha Coutinho e Abilio Alves.

—A Companhia José Ricardo está dando uma serie de espectaculos na Figueira da Foz, seguindo para o Porto, onde se estreará no Aguia de Ouro com a peça «Os Fidalgos da Casa Mourisca», fazendo Brazão o seu papel.

Se se acentuarem as melhoras da novel actriz Amelia Bastos, filha de Palmira Bastos, a Companhia que tem o nome d'esta artista segue para o Brasil no fim do mês corrente. Até lá dará no Apolo a «reprise» de «A Fedora», no proximo sabado e porá em scêna a peça francesa «La chair humaine», que José Sarmento traduziu com o titulo «O Bastardo».

—Na Feira do Porto figuraram os «fauteuils» da futura plateia do Trindade, cujas obras proseguem activamente.

— A Companhia José Alves da Cunha-Berta de Bivar estreia-se no Politeama, no dia 1 de agosto com a peça «A Garra», seguindo-se o original de Ramada Curto «A Féra», que vai ser ensaiada por Araujo Pereira.

— Tem estado gravemente enferma a gentil actriz Ema de Oliveira, que durante três epocas fez parte do elenco do teatro Nacional.

— A Companhia Rafael Marques-Luís Pinto está trabalhando na Guarda com grande exito.

— As importantes revistas «Choses de Theatre», de Paris, e «Comedia», de Milão, nomearam seu representante em Portugal o director da revista «De Teatro», sr. Mario Duario.

— Aura Abranches, que se encontra na sua casa de Santa Eulalia do Douro está escrevendo uma nova peça que será representada no inverno pela sua Companhia.

— Mario Duarte e Guedes Vaz foram encarregados de traduzir a peça «A Fera Amansada», de Shakspeare, para a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

— No teatro Maria Victoria repete-se hoje em duas sessões, a magnifica revista «Fado Corrido...» que continua na sua triunfal carreira, sendo todas as noites bisados os principais numeros de musica.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21,15—«Zazá».
Nacional—Ás 21—«A Viuva Gomes».
S. Luis—Não ha espectaculo.
Politeama—A's 21—«Ordem de marcha».
Avenida—Ás 21—«Bichinha gata».
Apolo—A's 21,15—«Morgadinha de Vale Flor».
Maria Victoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA
HOJE
ORDEM DE MARCHA

MEYERS

Solarine

PUTZ-CREAM — S O L — PUTZ-CREAM

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais economico liquido para limpar metais

Unicos representantes e depositarios em Portugal

H. GROTHKOP L.DA

R. Arco do Bandeira, 79 2.º

LISBOA

TELEFONE C. 55

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS

FIGUEIREDO & TELLES L.DA

RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º

TELEFONES 3156 e 3697 - N. TELEGRAMAS: FITELES -

LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Fabrica de Ladrilhos Mosaicos Azulejos Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

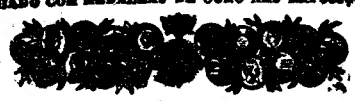
Telefone n.º 1244

LISBOA

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:



MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 117-LISBOA

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

MOVEIS ESTOFADOS

— E —

DECORAÇOES ARTISTICAS

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelos moveis genero inglez e americano, que primeiro começou a construil-os e onde hoje se adquirem os melhores, mais confortaveis e elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues de varios modelos, é na

Fabrica de moveis inglezes e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação de Inglaterra)

29-33, RUA DO SACRAMENTO A LAPA, 29-33—TELEFONE C. 1884

(DEPOSITO DO PIPERINOL)

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

CARVÃO VEGETAL - COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119

VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.ª

RUA DA COSTA 8, LISBOA.

MURALINE

A melhor tinta ingleza a agua. Rua das Pedras Negras, 24, 1.º-Lisboa. Telef. C. 5392.

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Compra e vende

Livraria Peninsular

79, Rua Poço dos Negros, 79

LISBOA—PORTUGAL

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Vinho Colares

V. S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, é o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro

Pedidos a D. J. Silva L.tda

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.º 1711

GEREZ

Hotel do Parque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

ABRIU NO DIA 25 DE MAIO

Um dos melhores hoteis das termas do paiz. Aposentos luxuosamente mobilados e com água corrente. Luz electrica em todos os quartos, salas e dependencias. Modelar serviço de cozinha com e sem dieta.

Luxuosa e confortavel camionete para condução de passageiros, saindo de Braga para o Gerez ás 3 horas da tarde. Pedidos de reserva de logares a João Ferreira de Carvalho, empregado do escritorio, Hotel Anselmo, Braga.

Correspondencia á proprietaria, Viuva de Vicente Paulino da Silveira, Gerez.

Informações em Lisboa, Rua Luciano Cordeiro, 98, r/c.

HORARIO DOS COMBOIOS DA LINHA DE CASCAIS, DESDE 26 DE JULHO DE 1923 (Serviço de Verão)

Estaç. e apead.	101	1	103	201	3	105	203 (a)	107	109	205 (b)	5	111	207	7	9	113	115
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cais do Sodré	0 50	7 20	9 00	9 55	10 35	12 50	13 50	14 15	16 00	17 15	17 30	18 15	18 55	19 00	19 40	21 10	22 50
Santos (ap.)	—	7 23	9 03	—	10 38	12 53	—	14 18	16 02	—	17 33	—	—	19 03	19 43	—	—
Alcantara Mar.	—	7 27	—	—	10 42	—	—	—	—	—	17 37	—	—	—	19 47	—	—
Junqueira (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	—	7 33	—	—	10 48	—	—	14 26	—	—	17 43	—	—	19 11	19 53	—	—
Bom Suces. (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pedrouços	—	7 37	—	—	10 52	—	—	—	16 13	—	17 47	—	—	19 15	19 57	21 20	—
Algés	1 03	7 40	9 16	—	10 55	13 06	—	14 32	16 16	—	17 50	—	—	19 18	20 00	21 24	23 03
Dafundo (ap.)	—	7 42	—	—	10 57	—	—	—	16 18	—	17 52	—	—	19 20	20 02	—	—
Cruz Quebrada	1 07	7 45	9 20	—	10 00	13 10	—	14 37	16 21	—	17 56	18 31	—	19 23	20 05	21 28	23 07
Caxias	1 11	7 50	9 25	—	11 05	13 15	—	14 42	16 26	—	18 00	18 36	—	19 28	20 10	21 32	23 11
Paço d'Arcos	1 16	7 55	9 31	—	11 10	13 20	—	14 47	16 31	—	18 05	18 41	—	19 33	20 15	21 37	23 16
Santo Amaro (ap)	1 20	8 00	9 35	—	11 15	13 25	—	14 52	16 36	—	18 10	18 46	—	19 38	20 20	21 41	23 20
Oeiras	1 22	8 03	9 38	—	11 18	13 28	—	14 55	16 39	—	18 13	18 49	—	19 41	20 23	21 43	23 22
Carcavelos	1 26	8 07	9 42	—	11 22	13 32	—	14 59	16 43	—	18 17	19 53	—	19 45	20 27	21 47	23 26
Parede	1 29	8 11	9 46	—	11 26	13 36	—	15 03	16 47	—	18 21	19 57	—	19 49	20 31	21 50	23 29
Cae Agua (ap.)	1 33	8 14	9 49	—	11 29	13 39	—	15 06	16 50	—	18 24	19 00	—	19 52	20 34	21 54	23 33
S. J. Estoril (ap)	1 36	8 18	9 53	10 28	11 33	13 43	14 23	15 10	16 54	17 48	18 28	19 04	19 28	20 56	20 38	21 57	23 36
Estoril	1 38	8 21	9 56	10 31	11 36	13 46	14 26	15 13	16 57	17 51	18 31	19 07	19 31	20 59	20 41	21 59	23 38
Mont. Estor. (ap)	1 41	8 24	9 59	10 34	11 39	13 49	14 29	15 16	17 00	17 54	18 34	19 10	19 34	20 02	20 44	22 02	23 41
Cascais	1 43	8 26	10 01	10 36	11 41	14 51	14 31	15 18	17 02	17 56	18 36	19 12	19 36	20 04	20 46	22 04	23 43

Estaç. e apead.	102	2	4	6	202	104	204	106	108	110	8	206	112	114	116	118
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cascais	0 30	5 55	7 30	8 25	9 04	9 20	10 45	10 55	12 50	14 30	16 00	18 05	18 20	19 44	21 10	22 30
Monte Estoril (ap.)	0 32	5 58	7 33	8 28	9 07	9 23	10 48	10 58	12 53	14 33	16 03	18 08	18 23	19 47	21 13	22 32
Estoril	0 35	6 01	7 36	8 31	9 10	9 26	10 51	11 01	12 56	14 36	16 06	18 11	18 26	19 50	21 16	22 35
S. J. do Estoril (ap.)	0 38	6 05	7 40	8 35	9 14	9 30	10 55	11 05	13 00	14 40	16 10	18 15	18 30	19 54	21 20	22 38
Cae Agua (ap.)	0 41	6 08	7 43	8 38	—	9 33	—	11 08	13 03	14 43	16 13	—	18 33	19 57	21 23	22 41
Parede	0 45	6 12	7 47	8 42	—	9 37	—	11 12	13 07	14 47	16 17	—	18 37	20 01	21 27	22 45
Carcavelos	0 48	6 16	7 51	8 46	—	10 41	—	11 16	13 11	14 5	16 21	—	18 41	20 05	21 31	22 48
Oeiras	0 52	6 20	7 55	8 50	—	10 45	—	11 20	13 15	14 55	16 25	—	18 45	20 09	21 35	22 52
Santo Amaro (ap)	0 54	6 22	7 57	8 52	—	10 47	—	11 22	13 17	14 57	16 27	—	18 47	20 11	21 37	22 54
Paço d'Arcos	0 58	6 27	8 02	8 57	—	10 52	—	11 27	13 22	15 02	16 32	—	18 52	20 16	21 42	22 58
Caxias	1 02	6 31	8 06	9 01	—	10 56	—	11 31	13 26	15 06	16 36	—	18 56	20 20	21 46	23 02
Cruz Quebrada	1 06	6 36	8 11	9 06	—	10 01	—	11 36	13 31	15 11	16 41	—	19 01	20 25	21 51	23 06
Dáfundo (ap.)	—	6 40	8 14	9 09	—	—	—	—	—	—	16 44	—	—	—	—	—
Algés	1 10	6 42	8 17	9 12	—	10 05	—	—	13 36	—	16 47	—	19 06	20 30	21 55	23 10
Pedrouços	—	6 44	8 19	9 14	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Bom Sucesso (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	—	6 49	8 24	9 19	—	—	—	—	—	—	16 54	—	—	—	—	—
Junqueira (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alcantara Mar.	—	6 54	8 29	9 24	—	—	—	—	—	—	16 59	—	—	—	—	—
Santos (ap.)	—	6 59	8 34	9 29	—	—	—	—	—	—	17 04	—	—	—	22 07	—
Cais do Sodre	1 23	7 01	8 36	9 31	9 45	10 19	11 26	11 52	13 49	15 27	17 06	18 46	19 19	20 43	22 09	23 23

Todos estes comboios fazem serviço de bagagens e recovagens.

O numero de passageiros nestes comboios é limitado.

(a) **Só se efectuam aos domingos e dias feriados.**

(b) **Não se efectuam aos domingos e dias feriados.**

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

AS REPARAÇOES

Um discurso do presidente Poincaré

«Se a França não tivesse acupado a região do Ruhr teria ficado sem nada receber»

LONDRES, 16

Nos meios politicos e jornalisticos era esperado com muito interesse o discurso que Poincaré tencionava pronunciar em Senlis em que faria referencias á questão das reparações. Poincaré foi ai para descobrir um monumento em honra dos soldados e civis que morreram na guerra. Senlis fica a 27 milhas ao norte de Paris e foi queimado pelos alemães em 1914. O maire e varios habitantes foram fusilados.

Poincaré no seu discurso de ontem referiu-se á ocupação do Ruhr dizendo:

—Quando ocupámos o Ruhr juntos com a Belgica os alemães organisaram uma forma especial de resistencia e forçaram-nos assim a acentuar a nossa pressão.

Continuando disse que se a França tivesse então cruzado os braços nem por isso a Alemanha se teria esforçado por estabilisar a sua moeda — sonho esse seguido, pelos aliados durante quatro anos e continuaria a escorregar no abismo que ela propria escavava, e a França teria ficado sem nada a receber daquilo que lhe era devido, emquanto que assim a França ocupando a região do Ruhr tem e domina garantias importantes.

«Desejo que Tratado de Versailles não seja uma curiosidade arqueologioa»

Acrescentou que tinha sido sempre um leal partidario da Entente cordial e lembrou os periodos de 1912 a 1914 quando como primeiro ministro e presidente ajudou a formar essa Entente, e se no entanto devia ser lembrada, devia deixar á Inglaterra e á França a independencia de acção e liberdade de linguagem. A Entente formou-se para conciliar interesses e não para subordinar uma nação á outra. As intenções da França permanecem as mesmas. Não cubiça territorio estrangeiro, deseja apenas que um tratado assinado por 28 nações não seja considerado uma curiosidade arqueologica.

«A ocupação do Ruhr devia ter sido feita por todas as nações aliadas»

A França não tem sido satisfeita nas suas reclamações justas e no que se estabeleceu no Tratado de Paz não tem sido cumprido. Além disso, não foi ratificado pela America e pela Inglaterra o disposto do Tratado de Paz de que estas nações auxiliaram a França no caso de ataque por parte da Alemanha. Se a ocupação do Ruhr tivesse sido feita por todos os aliados, sem duvida que a Alemanha já teria cedido. A atitude tomada pela França foi-lhes ditada pelos seus interesses vitais e portanto não podia ser contraria á dos seus aliados. (R.)

Fatos desde 45$00

(Cortes de 3 metros de explendidas casimiras)

Só nos depositos dos Donas, da Covilhã, porque fabricam e vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos em todos padrões e côres, **por menos 30 a 60 %**.

DEPOSITOS DE VENDAS A RETALHO:

Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.°.

No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

UMA GLORIA LITERARIA

O HUGO PORTUGUÊS

GUERRA JUNQUEIRO

APRECIADO POR UM ESCRITOR ESPANHOL

Gomes de Baquero, o ilustre escriptor hespanhol que ha dias ainda a Lisboa culta teve ensejo de admirar e aplaudir, quando da sua interessante conferencia na Sociedade de Geografia, publicou em El Sol, *de Madrid um artigo deveras notavel ácêrca de Guerra Junqueiro.*

Traduzimos dele, porque o merecem, os seguintes trechos:

Guerra Junqueiro tinha entrado já na historia. Sobrevivia, de certo modo, a si proprio. Era o ultimo do grupo dos «Vencidos da Vida», e o ultimo, tambem, da constelação dos cincos (Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental e Guerra Junqueire) que foram em Portugal os directores espirituais de uma geração, uma especia de governo da inteligencia; posto que, de todos eles só um — Oliveira Martins — tendo chegado, e sem grandes resultados, a governar. A este grupo acrescentam alguns o de Teofilo Braga, o eminente historiador da literatura portuguesa, ainda vivo e muito avançado em anos, e o de Camilo Castelo Branco.

Junqueiro conservava despertas nos seus ultimos anos, a fantasia e a inteligencia; traçava projectos literarios; mas, por se lhe ter debilitado a memoria, tinha deixado já o verso e propunha-se escrever em prosa uma obra que fôsse como que o seu testamento literario. Os seus ultimos livros:

Poesias dispersas e *Prosas dispersas* são recompilações de trabalhos, escriptos com bastante anterioridade, alguns deles corrigidos ou expurgados de harmonia com a evolução que se tinha operado no espirito do poeta, o qual, na velhice, quiz, sem abjurar os seus ideais de juventude, atenuar a estridencia com que os cantou.

* * *

O poeta moderno com quem tem maior relação e por quem Junqueiro foi mais influido é Victor Hugo. Eça de Queiroz, no capitulo que consagra a Victor Hugo, nas suas *Notas contemporaneas*, diz que na sua geração literaria ninguem se impregnou de Hugo, «com excepção do poeta, irmão de Juvenal, que escreveu *A morte de D. João.*» O entusiasmo de Junqueiro por Hugo afirma-se nitidamente na composição *Divino Hugo*, colecionado nas *Poesias dispersas*:

Em Hugo adoremos a flôr da Poesia
A mistica flor

Guerra Junqueiro poderia chamar-se o Hugo português pela sua afinidade ideologica e sentimental com o vate francês, pela grandeza do seu verbo poetico e pela influencia social que exerceu no seu país. Sem chegar á altura de Hugo, é dos poetas latinos modernos, dos poetas da Romania, o que mais se lhe aproxima; e é justo acrescentar que Junqueiro tem notas e acentos muito pessoais. A expressão de Eça de Queiroz «irmão de Juvenal» é certa. Na *Patria*, na *Velhice do Padre Eterno*, na *Morte de D. João*, brota um poderoso verbo satirico, cujas palavras e cujas imagens vôam agudas como setas.

O surpreendente e que qualifica a riqueza e a amplitude da musa de Junqueiro é a maneira como se juntam e acomodam, com a grandiosidade epica e o valor satirico, a suavidade do lirismo português, o sentimento da natureza e o amor ao fragil, ao terno, ao pequeno. O poeta que lança contra a Inglaterra a imprecação de profeta de Israel, do poema compreendido no *Finis Patriae*; o autor dos maravilhosos tercetos de Nun'Alvares e da grandiosa evocação de Portugal, feita por *Astrologus* no *Patria*, ao explicar quem é o louco, escreveu versos cheios de singeleza e de ternura nos *Simples*.

A's vezes tem a expressão ingenua dos primitivos:

Dormiam virginais as cousas mansas
Os rebanhos e as flores; as aves e as crianças.

Dir-se-ia que é a voz remota do nosso Gonzalo de Berceo a que assim fala para começar o relato do milagre de Nossa Senhora.

* * *

Junqueiro foi o poeta civil de Portugal no seculo XIX. Foi o eco poetico do povo no momento do conflito com a Inglaterra, do qual saiu, talvez, espiritualmente, a revolução. No *Finis Patriae* clama com certo alento poetico a voz do poeta correspondendo ao sentimento nacional. Pode haver, ha, seguramente, injustiças nestes livros; e disse-se que o autor pensava em suprimir do segundo alguns ataques ao rei D. Carlos; mas deve ter-se em conta que um poeta não é um historiador, e que nos momentos em que um povo se sente vexado e atropelado pelo estrangeiro e não defendido pelos seus governantes, não se lhe pode pedir a equanimidade serena que busca o fiel na balança da justiça.

Sem ser o mais português pelas qualidades strictamente literarias entre os poetas lusos do seculo XIX, Junqueiro eleva-se entre eles como o poeta nacional, por ter acertado a interpretar a alma colectiva em momentos decisivos da historia. Ninguem mais autorisado do que ele para dirigir aos soldados portugueses que marchavam para as trincheiras da França, aquela vibrante alocução que foi publicada no jornal *A Patria* em 1917, e que era acompanhada por um Padre Nosso patriotico dirigido aos portugueses que se deixam ficar na terra natal.

* * *

Talvez se estranhe que não faça a comparação de Junqueiro com os poetas espanhoes do seculo XIX. Tivemos grandes liricos nesse periodo, mas não se parecem com Junqueiro. Quintana, que pode aspirar ao titulo de poeta civil e que mereceu que se ressuscitasse em sua honra a cerimonia renascentista do coração dos poetas, tem uma serenidade classica oposta á paixão e ao fogo de Junqueiro. Zorrilla foi o poeta da tradição; Nuñez de Arce, poeta civil por vezes, como nos *Gritos del combate*, foi-o de uma maneira episodica e preferiu para os seus poemas os assuntos estrangeiros, como se vê na *Ultima lamentacion de lord Byron* e na *Vision de fray Martin*. As cordas de bronze da lira civil não foram as predilectas dos nossos poetas novecentistas.

POLITICA ITALIANA

Um discurso do presidente Mussolini

O chefe dos «fascistas» foi levado em triunfo por todos os deputados conservadores

ROMA, 1[illegible]

Ss algumas duvidas existem ácerca das intenções do sr. Mussolini, de conseguir a reforma eleitoral, essas duvidas estão dissipadas depois do discurso pronunciado na Camara Italiana. O discurso do sr. Mussolini foi extraordinario. Exceptuando os deputados socialistas, comunistas e republicanos todos se dirigiram ao chefe do governo cheios de entusiasmo e mesmo alguns deputados catolicos seus intransigentes adversarios participaram desse movimento entusiasta. Os deputados gritando o «Alala» fascista conduziram o sr. Mussolini sobre os seus ombros em redor da Camara, ao passo que os espectadores das tribunas de pé entoavam as canções de guerra fascistas. Nunca se viu nada de semelhante na Cama Italiana nem provavelmente em qualquer outro Parlamento do mundo. — (R.)

A reforma eleitoral

e a atitude dos deputados «facistas»

ROMA, 16

A Camara está em Sessão permanente até á aprovação ou rejeição da lei eleitoral. Depois do discurso do sr. Mussolini a regeição da lei eleitoral é uma hipotese inipossivel. Os fascistas tornaram a reforma eleitoral parte integrante do seu programa de modo que a sua regeição pela Camara seria um tremendo golpe no seu prestigio. Contudo parece que o fascista vencerá a sua primeira seria batalha parlamentar, não só com a aprovação da reforma eleitoral mas com o seu prestigio e poder enormemente aumentado. — (R.)

Em consequencia da montagem da revista

"Tiro ao Alvo,,

estão suspensos até sabado os espectaculos no

EDEN TEATRO

ATLAS — O MELHOR CALÇADO

CAMPO E PRAIAS

Antes de partirem fornecam-se na **Casa Atlas.**

Rua do Ouro, 198

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

PEREIRA, alfaiate

Rua da Prata, 226

Tendo terminado a questão pendente com os herdeiros do seu falecido socio participa que reabriu o seu estabelecimento.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE PARLAMENTAR

O caso Antonio Maia

O ministro da Guerra envia uma carta ao Parlamento

O caso Antonio Maia-ministro da Guerra é hoje o assunto dominante do cavaco, nos Passos Perdidos e na sala.

O sr. Sá Cardoso leu uma carta do sr. ministro da Guerra na qual se diz, em resumo, que, tendo o signatario apresentado a quem de direito o seu pedido de demissão, por isso não comparece a ouvir a interpelação que lhe foi anunciada. Palavras de cortezia para a Camara, e acaba.

* * *

Apenas a carta acabou de ser lida, e os parlamentares deram em pedir a palavra, á compita. Antonio Maia pregunta se, não vindo o sr. ministro da Guerra, póde fazer a interpelação estando presente qualquer colega do ministerio demissionario.

—Não ha nenhum! ...Não ha nem um para amostra!...—clama-se daqui e de acolá.

Sá Pereira a vigiar:

—Ha sim senhores. Está ali o sr. ministro da Instrução.

Efectivamente o sr. dr. Camoezas já regressou, e lá está no seu logar a ver em que param as modas.

* * *

Entretanto, fala assim o sr. Alvaro de Castro:

—E' profundamente extranho que, tendo o sr. ministro da Guerra pedido a demissão, o governo se abstenha de comparecer aqui. Que ha de dizer o paiz ao ter conhecimento de que um ministro, acusado de actos de indisciplina, não vem aqui dar conta dos seus actos? E' absolutamente extranho! Eu protesto sr. presidente! E não me abstenho de fazer as minhas considerações ácerca deste incidente. Quero saber porque é que o governo e porque é que o sr. ministro da Guerra não veem explicar ao Parlamento o que ha e o que se passa.

O sr. dr. Antonio da Fonseca a secundar:

—Pois claro! Tem de haver sempre um ministro da Guerra. Se o sr. coronel Freiria está demissionario, tem algum dos seus colegas que o substituir.

Falou-se em praxes parlamentares, e o sr. Pedro Pita obtemperou:

—Já não ha disso! As praxes já não existem.

* * *

Puzeram o seu criterio, o sr. Carvalho da Silva, pelos monarquicos, e o sr. Almeida Ribeiro, pelos democraticos. Como quer que este defenda uma doutrina oposta á do «leader» nacionalista, o sr. Alvaro de Castro volta á carga, desta feita com veemencia maior, para acrescentar:

—O sr. ministro da Guerra não tem que enviar cartas ao Parlamento. Ao sr. presidente do ministerio é que compete comunicar as demissões que se derem no seio do gabinete. Isto é peior que entrar na anarquia, porque é um exemplo terrivel dado precisamente por quem tem por dever zelar as praxes, a disciplina e a lei.

A certa altura:

—Parece que o governo está totalmente demissionario; excepção feita do sr. ministro da Instrução que vejo presente no seu logar. Póde ser que o sr. ministro da Instrução esteja autorisado... Nisto entrou o sr. Antonio Maria da Silva, e fez-se sensação na sala inteira. Parecia como nos teatros, quando, nas scenas de arripiar, surge, sem ser esperado, um personagem enviado ao proscenio pela guela dum alçapão.

O chefe do governo a explicar, disse em resumo: que chegou agora mesmo; que não sabia de nada; que, portanto, não teve tempo, ainda, de se informar detalhadamente do sucedido; e que, emfim, o assunto ha de arrumar-se com dificuldade para todos e para a Republica.

Antonio Ferro

A sr.ª D. Maria Fernanda de Castro Ferro, distinta poetisa, esposa do scintilante escritor Antonio Ferro, teve o seu bom sucesso dando á luz uma gentil creança do sexo masculino.

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO
ADVOGADOS
Telefone 4335 C — R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.

MISTERIO!

3 cadaveres DE CRIANÇAS APARECEM NUM SOTÃO

DUM PREDIO DA RUA DA ESCOLA POLITECNICA

O acontecimento jornalistico desta tarde, deu o o crime. Envolto em misterio profundo, que é desnecessario exagerar, o achado que três operarios fizeram de cadaveres de três crianças, embrulhadas em rendas e em roupas brancas, dentro de cestos, um deles coberto por restos de uma farda de capitão ainda com as tres divisas de oiro fulgente—prestar-se-ia ás mais extranhas conjecturas, se houvesse tempo e espaço ou se isso não dissesse mais respeito á policia do que a nós.

O predio Vaz Monteiro da rua da Escola

Na Rua da Escola Politecnica, lado esquerdo quem desce, defronte do palacio Fontalva, que fica pegado com o palacio Palmela, existe um grande predio de ar antigo, que se estende dos n.os 177 a 193, com primeiro e segundo andar, e cuja extensão e trazeiras, com grandes divisões e aposentos, fazem dele uma verdadeira «ilha». Pertenceu ao sr. Vaz Monteiro, e foi ultimamente adquirido pelo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros, que nele traz largas obras, nos pavimentos que deitam para a cerca, restos do antigo luxo oitocentista, que por aqui e ali ainda se divisa.

Entrando o tunel, sob a porta n.º 183, descobre-se uma entrada res-do-chão, que dá para casa duma familia socegada, que ali tem um «atelier» de modista, cujas janelas deitam para a rua.

Dentro, já no pateo, á direita, é o portão de entrada da casa do ilustre artista sr. Ferreira da Silva, com seu ar antigo e discreto. A' esquerda, subindo por uma escada de ferro que leva ao primeiro andar, tambem com ar solarengo, sem grandeza, encontra-se um guarda-vento de onde se entra para casa do ilustre general sr. Garcia Guerreiro, que ali vive com sua esposa D. Ana, senhora de 50 anos de idade e doente, e com sua filha D. Maria José, de 28 anos, familia respeitabilissima, que ha dez anos habita aquele edificio, em grande numero de divisões, amplas, tristes algumas, quietissimas.

As obras, e o aparecimento dos três cabazes misteriosos

Saindo o pateo e entrando na cêrca, alegre, ajardinada, com seu aspecto de quinta de antigo convento ou solar invadido pela civilização—encontra-se ainda uma das alas do edificio, exactamente a que está em obras. Carpinteiros e pedreiros andam por ali nas obras do novo proprietario. Sobe-se ao primeiro andar, ao segundo, ao sotão. Casas nuas, vestidas de azulejos mediocres, arrancados para dar logar a estuques. Os operarios contam, e nós reproduzimos:

—Ali, naquele sotão ou fôrro, já ha dias que nós viamos por aquele buraco (e apontavam) dois cabazes e um cesto dos que servem a figos, suspensos por cordas. Isto fez-nos misterio. Sempre haviamos de saber o que era. Ora para lá chegar era dificil.

Ora os operarios, que são os srs. José de Sousa, Rezende Mourão e Augusto Alves, desataram a matutar. Três eram eles; os cestos ou cabazes eram três. Seria um para cada um. E nisto pensando, talvez depois de uma noite de insonias, esta manhã entre as 10,30 e as 11 deram-se ao «trabalho». Pelo fôrro da casa em obras se meteram, audaciosamente, arrombaram uma parte do teto, tiraram as taboas podres, e penetraram. Estavam exactamente por cima de uma capela, que deita para a rua da Escola Politecnica, e fica ao lado do predio Palmela, fronteiriço ao palacio, predio onde moram os creados e empregados. Os cestos lá estavam, cheios de poeira, denotando idade, tudo indicando que ali não penetrava ninguem ha muitos meses, talvez muitos anos.

O achado — Três cadaveres de inocentes

Cheirava mal. Talvez algum rato morto ou uma dinastia deles... O Sousa foi o primeiro a mecher... Seria dinheiro? Seriam valores? Seriam coisas velhas? O cabaz maior apresenta logo, ao primeiro contacto, sem ilusão possivel, o cadaver duma crianca, embrulhada em saias brancas, rendas, crochet, tudo endurecido pelo tempo, de mistura com tecidos suspeitos. A cabeça, onde o cabelo já era longo, espreita daquela mistura de trapos, deixando ver um dos olhitos do inocente. Outro cabaz, mais pequeno, dá o mesmo repugnante achado, desta vez embrulhada a criança num resto de farda de oficial, três divisas muito doiradas, e ainda rendas e roupas brancas. O cesto, ou ceira de figos, contem tambem um cadaver de criança recemnascida, mal se vendo ou percebendo na confusão das roupas e dos envolucros pastosos.

—Vamos mas é prevenir a policia...

E os operarios deixaram o sotão, não sem terem verificado a pericia com que os criminosos de ha muito tempo, tendo entrado por cima — o sotão da casa do general Guerreiro — ali suspenderam por cordas, ao abrigo dos ratos, aqueles três volumes, talvez com a esperança de que quando se desse por isso eles já fossem longe.

E vá lá saber-se agora onde eles vão!

A policia e o jornalista em casa do general Guerreiro

Participado o caso á esquadra do Rato logo compareceu o chefe Albarraque, que deixou três policias vigiando as portas, e tomou as primeiras notas. Pouco depois comparecia o adjunto da terceira divisão de Segurança, sr. Nunes, que não poude saber mais do que aqui contamos.

Ora a verdade é que os cestos só poderiam ser colocados ali, entrando-se por casa do general Guerreiro. A honorabilidade da familia, o respeito que gosa na vizinhança não deixam a policia á vontade. O jardineiro da quinta ou cêrca, Manuel Fernandes, há 29 anos ali empregado, não é capaz de atinar numa suspeita, e ele proprio se indigna que se entre em casa do sr. general. Mas a policia não se pode eximir a procurar promenores.

O ilustre militar e sua familia quando chegou a policia já estavam informados. O seu espanto é visivel:

—E' verdade. Só entrando por minha casa ali poderiam ser colocados os cestos com as creanças mortas. Misterio! E' um misterio!

Em casa da familia Guerreiro não ha creadas efectivas. Quasi sempre mulheres a dias, que por ali demoram três, quatro meses, e ás vezes menos. A casa é enorme. Um casarão, não se sentindo num lado o que se faz no outro.

Nomes de criadas, de servas, das tais mulheres a dias... De mais a mais ha cerca de tres anos, que é o tempo que se calcula que tenham as crianças de mortas... E o general Guerreiro indignado, exclama:

—Sabe-se lá quem a gente mete dentro de casa! Desavergonhadas! E logo tres, tres inocentes, e um deles já com meses de vida!

A policia de segurança saiu, deixando pouco depois a policia de investigação a... investigar, esperando-se o juiz de paz e o subdelegado de saude.

A conversa que o jornalista manteve com o ilustre oficial não entra nos dominios da reportagem nem adianta nada para o caso. O misterio mantêm-se, sem um ponto claro. A quem pertence a farda de capitão? De quem seriam as rendas que envolviam as tres crianças?

A POLITICA DA TARDE

Ha crise ministerial?

O ministro da Guerra continuará á frente da sua pasta?

A's 4 horas da tarde de hoje a politica não tinha uma unica feição definida.

Se bem que os interesses do país não aconselhem—e muito principalmente neste momento—a substituição do actual governo, o que é certo é que o desenrolar dos factos está apresentando uma serie de complicações de dificil remedio.

Sabem já os leitores que o sr. ministro da Guerra pediu a demissão depois de ter castigado o capitão aviador sr. Antonio Maia.

O sr. Alvaro de Castro comentou a atitude do coronel Freiria, durante a sessão de hoje, do modo seguinte:

—O sr. ministro da Guerra, depois de ter punido disciplinarmente um oficial que agravou a disciplina, resolve ir-se embora. Devia continuar a gerir a pasta que lhe foi confiada. Se assim procedesse, contaria com o meu apoio e creio que poderia contar com o de toda a oposição.

* * *

O sr. presidente do ministerio, que chegou tarde ao Parlamento, não definiu a situação politica. Anda não tem elementos para se pronunciar com o rigor oficial exigido pelo prestigio do seu cargo.

E ha uma nota interessante a registar. O sr. ministro da Guerra comunicou em carta ao sr. presidente da Camara dos Deputados que estava demissionario. O sr. Sá Cardoso leu esse documento, do alto do «fauteuil» da presidencia, antecipando-se ás declarações do chefe do Governo.

Um democratico de alta patente politica com quem trocamos impressões, disse-nos:

—O Sá Cardoso praticou uma «gaffe». Não devia ler a carta. Cometeu um acto anti-constitucional. Quem comunica ás camaras as crises ministeriais é o presidente do ministerio. Bem sei que, em face da Constituição, os poderes do presidente da camara e do presidente do governo são independentes. Mas a Constituição não omite que eles devem ser harmonicos. Foi disto que se esqueceu completamente o sr. Sá Cardoso...

* * *

Nos Passos Perdidos um parlamentar distinto observou:

—O governo dá-me uma impressão de desconjuntamento.

—Parece-lhe que a saída do ministro da Guerra, arraste o governo á queda total?

—E' ainda cedo para fazer previsões. Julgo no entanto que a crise se não limitará á pasta da guerra. O sr. ministro das Finanças não poderá continuar no poder se lhe não aprovarem a lei de remodelação de sêlo e a nova lei de contribuição de registo. Por outro lado, o sr. ministro da Agricultura, se a questão cerealifera não fôr resolvida urgentemente, ficará numa situação embaraçosa. E temos ainda de centar com a fadiga, que é tambem um pouco de descontentamento, do sr. ministro das Colonias.

— Acredita então, numa crise total?

— Não sou profeta. E mesmo que o fosse!... As profecias em politica saiem quasi sempre erradas. E' possivel até que tudo fique como está. O Antonio Maria da Silva é muito resistente!

* * *

Ha quem assegure que é possivel, apesar de tudo, convencer o coronel Freiria a não abandonar a pasta da guerra. No caso dele persistir no seu proposito de saír do governo, apontam-se, para lhe suceder, dois nomes de politicos civis: José Domingos dos Santos e Antonio da Fonseca.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim doRegedor, 51, 1.º